

Remédio simples para um problema grave

Fotos de Josemar Gonçalves

Programa do soro caseiro faz do país modelo mundial

LETÍCIA LINS

RECIFE — Mesmo figurando em relatórios do Banco Mundial (Bird) como o primeiro país do mundo em má distribuição de renda e desigualdade social, o Brasil começa a servir de referência mundial pelo trabalho que vem desenvolvendo no combate à mortalidade infantil. Representantes de nações subdesenvolvidas estiveram reunidos na capital pernambucana para conhecer de perto as ações brasileiras contra a diarreia, uma doença de fácil controle, mas que ainda mata anualmente três milhões de crianças em todos os continentes. No Brasil, calcula-se que a mobilização social para disseminar a adoção de medidas simples contra a doença já evitou a morte de 250 mil crianças.

Por esse motivo, técnicos da Nicarágua, da Colômbia, da Guatemala, da Bolívia, da Venezuela, da Etiópia, da África do Sul, da Indonésia e do Paquistão estiveram em Recife semana passada, observando de perto o trabalho contra a diarreia que tem na adoção do soro (caseiro ou industrializado) o seu principal segredo. Até a década de 80 a doença matava, só no Nordeste, 80 crianças por dia — uma a cada 20 minutos. Naquele ano, os relatórios do Ministério da Saúde indicavam que, de cada grupo de mil nascidas, 114 crianças morriam antes de completar 1 ano de idade no Nordeste. Hoje esse índice geral caiu para 63. A diarreia era a principal causa dos óbitos. Agora, em cidades como Recife, praticamente já não se morre da doença. Tanto que, por falta de demanda, a Prefeitura acaba de fechar dois centros hospitalares destinados à reidratação infantil: as crianças se tratam em casa.

— O Brasil é o país que tem a melhor mobilização social contra a diarreia, entre cem países que já visitei. Aqui observamos participação das três esferas do Governo, da comunidade, de ONGs, dos empresários, todos com a mesma dedicação — disse Nyi Nyi, assessor da presidência do Unicef em Nova York, a segunda pessoa na hierarquia do organismo.

Só na Pastoral da Criança há 68.171 líderes comunitários atuando na divulgação do soro. Segundo o ministro da Saúde, Adib Jatene, o Brasil tem hoje 35 mil agentes de saúde e, até o fim do ano, eles serão 50 mil. No fim do Governo, ele espera que cem mil estejam nas populações pobres, ensinando as mães a enfrentarem doenças. O papel dos meios de comunicação nesse esforço não foi esquecido. De acordo com pesquisa do Conselho Nacional de Propaganda, 94% das donas de casa do Nordeste hoje sabem como preparar o soro caseiro. Segundo Hiram Castelo Branco, dirigente do conselho, a televisão foi o veículo citado por 74% das entrevistadas como meio de propaganda que mais ensinou a adoção do soro.



Os hoje saudáveis Everson e Emerson com a agente Lucicleide e a mãe, Maria Conceição: salvos pelo soro



Agentes sociais levam remédios e orientação à casa de Ana Lúcia

No Nordeste, duas cidades desafiam miséria

RECIFE — Se para o Unicef o Brasil serve de modelo de organização social no combate à mortalidade infantil provocada por diarreia, para o ministro da Saúde, Adib Jatene, duas cidades nordestinas constituem exemplos que hoje chamam a atenção do país: Recife e Camaragibe. Ambas desmentem o acomodado discurso de que nada se pode fazer pela saúde do país enquanto perdurar a injustiça social. É evidente que ninguém quer a persistência da miséria, mas seus efeitos podem ser combatidos de formas baratas e eficientes.

Em Recife, das 19 mil crianças que tiveram diarreia este ano, 95% foram reidratadas em casa, com soro. Resultado: até junho, só três mortes foram registradas na capital. O índice de mortalidade no bairro da Mustardinha chegava a 117 por mil, a maior parte por diarreia. Hoje, em cada mil morrem 27,

devido a outras doenças. Em Camaragibe (a 14 quilômetros), a mortalidade nas áreas pobres caiu de 130 para 39 por mil.

As comunidades carentes de Recife são atendidas por 800 agentes comunitários de saúde, e há mais cem em treinamento. Em Camaragibe, há 106 agentes — 40 mil pessoas são atendidas pelo serviço Saúde da Família, já visitado por dona Ruth Cardoso.

— Tenho certeza de que podemos alterar radicalmente o perfil de saúde da população, mesmo sem grandes mudanças na vida política do país. O grande segredo é organizar a comunidade. É o povo que escolhe suas prioridades, e a saúde é a principal delas — afirma Guilherme Robalinho, secretário de Saúde de Recife.

— Aqui há um sistema de eterna vigilância. A primeira diarreia, a criança é atendida com soro caseiro ou industrializado. Caso a doença persista, o médico é avisado pela agente de saúde e vai até a residência do paciente — diz Paulo Santana, secretário de Saúde de Camaragibe. (L.L.)

Projeto 'Cidadão Recife' adota bebês prematuros

RECIFE — Verônica Maria Gomes da Silva, 28 anos, teve dez filhos, mas só cinco estão vivos. O último morreu há três anos, depois de três meses de constantes diarreias e sofridas internações hospitalares. Ela chora quando lembra o filho esquelético e desidratado, sendo desenganado pelos médicos. Mas tem uma certeza: se na época conhecesse os serviços das agentes comunitárias de saúde, seu filho estaria vivo.

— O menino adoeceu e a vizinha me disse para cortar a comida e o leite. Hoje, como agente de saúde, sei que fiz tudo errado, e ensino as outras mães a preservar a vida das crianças com coisas simples, como o soro caseiro, durante as diarreias — disse ela, que acompanha a saúde das crianças nos morros do bairro popular de Casa Amarela.

Everson e Emerson Figueroa são gêmeos e nasceram como crianças de alto risco: prematuras e com baixo peso. A mãe, uma adolescente de 15 anos, Maria Conceição Figueroa, foi, também, considerada uma gestante de risco. O pai das crianças, de 50 anos, desapareceu. Os meninos nasceram com pouco mais de um quilo e meio, quando o peso normal de um recém-nascido é dois quilos e meio.

Hoje as crianças estão com nove meses, fortes e saudáveis. Elas foram incluídas em um projeto chamado "Cidadão Recife", pelo qual a prefeitura adota as crianças prematuras. O projeto prevê, também, acompanhamento da vacinação e suplementação alimentar. Dos bebês de alto risco acompanhados de perto, até agora nenhum morreu. (L.L.)